

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados — linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL"

Obras eucarísticas

VI

Terminou a celebração, em Braga, do 1.º Congresso Eucarístico Nacional. Foi êle a manifestação mais esplendorosa, mais imponente e mais sole ne de variados actos de fé ardente, de amor encendrado e de crenças purísimas, foi uma apoteose altiloqua e eloquente, em que a alma nacional, fremente de comoção e exultando de alegria, vibrou em imponentísimos estos de amor em arroubamentos indizíveis.

Não cabe nas estreitíssimas ensanchas dum desataviado editorial a descrição das magestosas e pomposíssimas festas, sem uma única nota discordante, em que a divina Eucaristia foi exaltada e cantados os seus louvores, em actos soleníssimos do culto e em esplêndidas sessões, onde a luz da sciência e da fé brilhou, com fogo de esplendor desusado.

Não queremos, pois, descrever, mas apenas arquivar, nas colunas dêste modesto semanário católico, ligeiríssimas referências áquilo que mais enternecidamente comoveu a nossa alma.

Que afinal tudo foi de enternecer, tudo foi de nos dilatar a alma e de nos fazer exultar o coração, que trasbordou da mais viva e santa alegria.

As vésperas solenes, com sermões prégados por ilustres Bispos e com música rigorosamente sacra, eram actos que se impunham pela sua austeridade e magestade inatingíveis. A música! Que deliciosas composições não foram executadas por muitas dezenas de vozes, apenas com acompanhamento de harmonium! Que delicioso concerto de vozes, magistralmente regidas por um competentíssimo músico italiano, actualmente na Oficina de S. José, do Pôrto!

A comunhão solene das crianças, administrada por 8 sacerdotes, ao ar livre, na Avenida da Sé e com uma comovente e formosíssima alocação

pelo sábio Bispo do Pôrto, fez arrancar lágrimas de alegria a quasi todos os que tiveram a felicidade de assistir a esta tocante cerimonia.

As comunhões aos adultos, na Sé e nos outros templos da cidade, eram numerosíssimas.

Em breve se saberá o seu número exacto, porque as partículas foram contadas, ao disporem-se na aurea pixide.

Número empolgante foi também o das sessões solenes e de estudo, em que variadíssimas teses foram desenvolvidas e carinhosamente estudadas pelos mais elevados ornamentos da sciência, pelas mais conscientes unidades. Três lentes catedráticos da Universidade de Coimbra, com saber e piedade inexcedíveis, ali apresentaram os seus trabalhos, elegantes ramalhetes das mais mimosas flores em honra de Jesus Sacramentado.

E não foram só lentes, foi um Nuncio Apostólico, foram Bispos, foram bachareis, foram sacerdotes, foram leigos, foram estudantes, foram senhoras, foi até uma menina, a snr.ª D. Maria José Pinto da Fonseca Novais, que patentearam nobremente os ardores da sua fé, com o desejo de tornarem grande e feliz esta Pátria querida, quando amparada e inflamada nas graças preciosísimas que da divina Eucaristia fluem, como da pupila acesa dum astro fluem torrentes de luzes.

Como falou encantadoramente, num a vontade emocionante e sem a mais leve sombra de respeito humanos, a snr.ª D. Maria José P. da F. Novais, verberando o despudor de tantas senhoras que, para servirem os figurinos satânicos das modas, são canais de imoralidades e oferecem os mais repugnantes e vergonhosos espectáculos. Trazemos, por excepção, êste nome, porque êle nos traz à memória a figura alevantada e veneranda de seu saúdoso pai, o falecido Conselheiro José Novais, barcelense pres-

timoso, a quem os seus conterrâneos rendem ainda o preito da sua lacrimosa veneração.

Não se compadece o limitado espaço de que dispomos com a pormenorização dos variadíssimos números das festas, que levaram os fieis a actos quasi continuos de adorações, tanto diurnas como nocturnas.

Duas palavras apenas sobre as procissões:

No sábado, organizouse a mais imponente de tôdas as procissões a que temos assistido, cuja recordação impossível é poder-se apagar da mente de todos os que tiveram o suavíssimo prazer de a ela assistirem.

O seu comêço ia na Avenida, antigo Campo de Sant'Ana, e ainda a cauda saía da sacrosanta Basilica (Sé).

Na Avenida, estava um rico pavilhão, em estilo gótico, para onde subiram os 17 prelados e onde a sagrada Eucaristia foi mostrada à mole imensa de povo, que ocupava por completo a Avenida e que, de joelhos e com a mais edificante reverência, cantou pausadamente o *Tantum ergo*.

A seguir, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primas deu a benção... e eis diante de nós um quadro que a nossa pena não sabe reproduzir. Todos aqueles fieis acenavam com os seus lenços brancos, parecendo pombas a esvoaçarem, as palmas estralejavam num crescendo entusiasta, os vivas à Hostia santa, à Religião, à Pátria, sucediam-se ininterruptamente... e todos os olhos borbulhavam lágrimas e todos os corações, com perene alegria, se sentiam arroubadamente enlevados. Não apetecia sair dali. Mas, era forçoso caminhar.

No Campo da Vinha, repetiu-se o mesmo comoventíssimo quadro, ainda também repetido em frente à Sé, mas então aqui num frémito vibrantíssimo, fazendo-nos antegosar celestiais delicias.

No domingo, desde o Bom Jesus ao Sameiro, organizou-se uma riquíssima peregrinação, tomando nela parte mais de cem bandeiras, algumas de longinquas ter-

CONFRARIAS DO S.S. SACRAMENTO

Foi esta uma das teses versada nas sessões de estudo do 1.º Congresso Eucarístico Nacional.

Como o seu desenvolvimento foi confiado a um dos padres dêste arceprelado, publicamos hoje as conclusões apresentadas no fim do trabalho, que foram largamente discutidas e aprovadas.

1.ª—O fim principal das confrarias do S.S. Sacramento é procurar dar honra e glória a Deus feito Homem e promoverem os seus membros a própria santificação e a dos outros—renovar as almas dos fieis no amor e devoção para com o Sacramento da Eucaristia.

As obras sociais, tão precizadas pela Igreja e tão necessárias no actual momento

ras, como Lamego, Lisboa, etc.

Em um pavilhão adrede preparado, celebrou missa o snr. Nuncio Apostólico, que consagrou a sagrada Hostia. Exposta na custódia e cantado o *Tantum ergo*, foi dada a benção às cem mil pessoas que se estendiam pelo monte, repetindo-se o espectáculo da véspera: lenços, vivas e palmas... e muitas lágrimas.

Foram quatro as benções, sendo a última à porta da Igreja do Sameiro.

E' forçoso terminar.

O snr. Cardeal Patriarca, Legado Pontificio, fez o assentamento da 1.ª pedra para o monumento ao Coração Eucarístico de Jesus que, erigido naquele monte, ao lado da sua Mãe puríssima, ali ficará a abençoar o nosso querido e velho Portugal católico que, em hossanas de fé e cânticos de amor, brada reverentemente:

Coração Eucarístico de Jesus, tende piedade de nós.

Consagrada a nação ao seu culto e amor, nesse mesmo dia, com o snr. Bispo auxiliar da Guarda, ela brada também:

«Vitória, vitória! Honra e glória a Nosso Senhor Jesus-Cristo, Rei triunfante do ceu e da terra».

Bemdito e louvado seja o Santíssimo Sacramento, aos pés de quem depomos as nossas esperanças de melhores dias, para os lares cristãos e para a Pátria eucarística.

histórico, devem ser animadas duma vida cristã intensa. E ela não o será, faltando-lhe o fogo e a coragem e a graça, que dimanam da sagrada comunhão.

Emite, pois, êste Congresso o voto de que os membros das confrarias do S.S. Sacramento deem o exemplo da comunhão frequente, ao menos mensal, e a promovam, por todos os meios e sob a direcção dos seus Párcos, Directores natos destas confrarias. Para isto, indispensável se torna dar cumprimento ao § 1.º do Can. 715 do D. C. sobre a confirmação dos oficiais eleitos, para que só à sua frente estejam os dignos e idôneos e sempre sejam rejeitados os indignos e não idôneos, que causam por vezes desgostos aos Párcos e não empregam zelo nenhum em procurar que a confraria seja, como deve ser, uma associação de piedade e de oração.

2.ª—Sendo as confrarias do S.S. Sacramento um meio eficaz de santificação, êste Congresso emite também o voto—e é êle a doutrina do n.º 176 das Constituições desta arquidiocese—de que em tôdas as freguesias sejam criadas associações ou confrarias do S.S. Sacramento, de tradições tão gloriosas, e se promova o rejuvenescimento das já existentes, para serem auxiliares valiosos da missão do Pároco e da vida religiosa da paróquia.

3.ª—Este Congresso emite também o voto de que, nas confrarias a criarem-se, ou nas já criadas, haja as três secções de que fala S. Ex.ª R.ª o Senhor Arcebispo Primas, em 14 de fevereiro do corrente ano, no seu modelo de Estatutos destas confrarias—uma para honens, outra para mulheres e uma terceira para crianças, que será denominada dos *Párcos do S.S. Sacramento*.

E assim homens, mulheres e crianças, afervorados no grande apostolado eucarístico, tomarão parte nas comunhões gerais mensais, nas solenidades de quinta e sexta-feira santa, na do Corpo de Deus, na das 40 Horas, nos tríduos e procissões eucarísticas, na comunhão aos enfermos, por desobriga, em tôdas as adorações e outros actos do culto eucarístico.

4.ª—Este Congresso emite o voto de que, ao menos nas cidades e vilas mais importantes, estas confrarias promovam a realização de Congressos Eucarísticos paroquiais, ou de arceprelado.

O bem enorme que tem resultado dêstes Congressos tem levado os Sumos Pontífices, desde Leão XIII, a concederem riquíssimas graças e valiosíssimos privilégios aos fieis que neles tomarem parte, ou a êles se unirem em espírito. E Sua Santidade Pio XI, em 7 de março do ano corrente, confirmou e aumentou estas riquíssimas graças e privilégios aos Congressos Eucarísticos, quer internacionais, quer nacionais ou regionais, quer diocesanos, quer até paroquiais, com sessões solenes ou de estudo, com actos do culto, com procissões imponentes e com adorações fervorosas.

Dêsses Congressos, os ope-

rários e os artistas sairão animados a comungarem frequentemente e, quando aguilhoados pelo espírito da soberba, saberão exclamar: *Jesus manso e humilde de coração, fazei o meu coração semelhante ao vosso; aqueles a quem a fortuna bafou sairão destes Congressos e da meza da comunhão resolvidos a guarecerem as necessidades do próximo e a exercerem a virtude da caridade, que é formosa pérola do cristianismo, para um dia ouvirem dos lábios de Jesus-Cristo: *vinde e reinai comigo eternamente, vós, que alimentaste aos pobres, a mim alimentastes;* os pobres e os que lutam com as ondas encapeladas do sofrimento sairão destes Congressos e da meza da comunhão resignados e conformes com a vontade de Jesus, que para eles falou no sermão da montanha, *bemaventurados os que choram; porque eles serão consolados;* os pobres e os ricos, os ignorantes e os sábios, todos sem excepção, sairão destes Congressos e da meza da comunhão resolvidos a dirigirem a Jesus-Hostia este suspiro do seu coração: *Jesus, sede o meu amor.**

Enesse amor sempre abraçados, a Jesus, presente na Eucaristia, sempre lhe prestarão as homenagens e o culto que lhe são devidos, bradando sem respeito humanos: *bemdito e louvado seja o S.S. Sacramento.* E as suas graças e louvores apregoarão em toda a parte, nesta sentida exclamação, neste ferventíssimo preito de amor: *graças e louvores se deem em todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento.*

Da discussão, por proposta do rev. dr. Ferreira Fontes, saiu uma 5.ª conclusão. Foi esta: Para dar vida interior às confrarias do S.S. Sacramento, o Congresso emite o voto de que elas sejam agregadas ao Apostolado da Oração, do qual sairão os seus membros.

As diversas horas e as leis da Igreja

O propósito do Congresso Eucarístico. Compufo e escolha das diferentes horas para os actos canonicos e litúrgicos.

Entre as singularidades características que assinalaram a magnífica e esplendorosa manifestação de Fé, grandiosa e brilhantíssima apoteose, vibrantíssima ovação, fremente e empolgante preito de adoração e amor a Jesus-Hostia,—qual foi o recente Congresso Eucarístico Nacional—uma delas, que gratamente despertou a curiosidade, foi a celebração das missas e a distribuição de comunhões desde a meia noite.

Mas por que hora se havia de marcar a meia noite? A esse respeito houve congressistas que tiveram dúvidas e tentaram afirmar opiniões. Não será pois descabido estampar hoje aqui o estatuido no Cad. do D. Can. a respeito do computo e escolha da hora, formulando sobre essa base algumas hipóteses ou corolários de aplicação frequente.

Eis o texto referente: Can. 33. «§ 1.º—No computo das horas do dia deve observar-se o uso comum do lugar; mas na celebração privada da missa, na recitação privada das horas canónicas, na recepção da sagrada comunhão e na observância da lei do jejum e da abstinência, embora seja outra a contagem do lugar, pode seguir-se o tempo do lugar ou o local, tanto o verdadeiro como o médio, ou

o legal, tanto o regional como outro extraordinário. § 2.º—Quanto ao tempo de urgir as obrigações dos contratos, observem-se as prescrições do direito civil vigente, no território, a não ser que doutra forma se tenha convencionado por pacto expresso».

Daqui resultam para cada lugar as seguintes designações e divisões de hora:

1.º—A hora local propriamente dita, isto é a astronómica, a determinada pelo meridiano da localidade, que se subdivide em

a) local verdadeira (a do meridiano strito daquele ponto) e

b) local média, isto é, a do meridiano médio da localidade (entre nós, por ex., a do meridiano de Lisboa) ou a média dos relógios da localidade que marquem hora solar.

2.º—A hora legal que se subdivide em

a) horalegal regional, que entre nós é a da Europa ocidental, a do meridiano de Greenwich, também chamada hora de inverno.

b) horalegal extraordinária, como é a que chamamos hora de verão.

3.º—Hora normal, isto é, acoumumente usada na localidade.

Posto isto, e à face do canon citado, resultam, entre outros, estes, corolários;

1.º—Em regra deve adoptar-se quanto às leis da Igreja a hora usual que, consoante as localidades, poderá ser a legal extraordinária (Lisboa, Pôrto, creio que Braga, por ex.), a legal regional (Barcelona, o vale Tamel, etc.), ou a solar (a maior parte do vale de Aguiar; etc.). A missa solene, pois, a recitação solene do officio divino, etc., devem fazer-se segundo a hora usual.

2) Em conformidade com as excepções apontadas no can. referido.

a) A missa privada pode, por direito comum, principiar-se 1 hora antes da aurora e 1 depois do meio dia (can. 821) contando-se para isso pela hora que se quizer—o que é também applicável à comunhão;

b) No caso restrito da noite da adoração nocturna do Congresso, para a celebração das missas privadas e comunhão dos fieis podia marcar-se a meia noite pela hora que aprouvesse;

c) Um individuo que numa localidade onde é usual a hora legal extraordinária (o Pôrto, por ex) tivesse comido à 1 e meia horas da manhã podia comungar nesse dia, porque de facto não tinha transgredido o jejum natural, segundo a hora solar que estava no direito de escolher;

d) Um clérigo de lugar onde é usual a hora solar que até à meia noite da hora legal extraordinária (22 horas e 37 da solar) não pudesse recitar as horas canónicas, ficava desobrigado de as recitar desde que batesse a meia noite da hora legal extraordinária não obstante ter ainda tempo de sobra para o recitar até à meia noite solar. Etc., etc.

Eis o que julgo estar dentro da interpretação razoável do can. citado.

V. A.

TOMEM NOTA

De que só os fabricantes de lanifícios Alçada & Moza—COVILHÃ vendem fazendas ao preço da fábrica

PREFIRAM A NOSSA CASA. PEÇAM AMOSTRAS

ADIVINHA POPULAR

Que dama é que vai caçar com um cão de tanta manha due mata a caça no ar. no bosque, prado ou montanha, sem ter azas pra voar? Mas ela é tão agarrada, duma miséria tão louca, que da razão que lhe é dada e vomita pela boca nunca ao seu cão deita nada,

Decifração da última publicação:—*Bolão.*

Lugares selectos

Concluimos hoje a notável conferência do sr. dr. Lino Neto no Funchal.

Depois dela, dois abanões violentos vieram ferir a consciência católica: a retirada da aprovação aos Estatutos dos escoteiros católicos e a apresentação do projecto, que retira as emendas feitas à Lei de Separação (lei Moura Pinto), da autoria do antigo seminarista dr. Domingues dos Santos.

Motivos para desesperar? Não; motivos para mais denodadamente se fazer a união, no campo católico, em conquista das legítimas liberdades que o camartelo da... maçanaria porfia em nos roubar.

Eis o final da conferência:

Influência do Centro nos costumes políticos, nas leis e na moralidade social do país.

Tem, pois, o Centro a mais completa razão de ser como organização política autónoma; e certo é, que a sua influência é já bem sensível na vida do país. Nos costumes políticos tem-se ela afirmado, quanto ao Parlamento, pelo respeito com que são já encaradas as mais variadas questões religiosas, sem a forma do insulto com que eram, por vezes, recebidas nos primeiros tempos da corrente legislatura e nas anteriores. São especialmente sintomáticas neste sentido as manifestações parlamentares pela morte do Santo Padre Bento XV, pela eleição do actual Sumo Pontífice pela celebração do 2.º aniversário da sua Coroação e ainda pelo 80.º aniversário de sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca. As relações da Igreja com o Governo abraçaram a sua hostilidade em certos actos revestiram também por vezes formas de edificante harmonia como expressão de alto significado patriótico, como nos funerais dos Soldados Desconhecidos e na imposição do barrete cardinalicio a Sua Eminencia o Senhor Cardeal Locatelli. Na imprensa diária das mais variadas côres os assuntos religiosos apacem, em regra, tratados com uma atenção e apreço que dantes não era tão frequente.

No campo legislativo alguma coisa também se tem conseguido de pratico. Não quero cançar a assembleia com o largo relato que neste ponto poderia fazer. Basta referir, por exemplo, que sobre missões religiosas, há hoje uma legislação como não tinhamos de há uma século a esta parte: os decretos nºs 233, 5.239, 5.778, 6.322 e 8.351. Da sua rigorosa constitucionalidade deram conta pareceres unânimes das insuspeitas Comissões das Leis da Separação e das Congregações. O reconhecimento pratico da hierarquia eclesiastica para a formação de associações do culto ao abrigo da lei Moura Pinto (decreto n.º 5.856); a organização num escotismo confessional católico, ao lado do escotismo neutral em matéria religiosa; a inclusão de verbas próprias para o padroado e para as missões religiosas no orçamento geral do Estado; e outros factos, que oportunamente se definirão—, tudo demonstra que não tem sido inefficaz a acção do Centro.

Ao mesmo tempo tem-se suscitado um grande interesse intelectual pela sua existencia e funcionamento.

Políticos como o sr. dr. Pedro Fazenda, ultimo governador civil de Lisboa, no livro *Crise Política* (1921), publicistas como o sr. dr. José Zuzarte no livro *A Liberdade*

de ensino perante o problema moral (1922) e professores como o dr. Oliveira Salazar no livro *Centro católico português* (1922) provam bem o valor lógico do Centro e a sua justa acomodação ás necessidades do nosso país e da presente conjuntura.

Para ele veem francamente as mais altas individualidades da sciencia e das letras. Catedráticos como os drs. Mendes dos Remedios, Seixas e Silva, Pacheco de Amorim, Oliveira Salazar e Mário de Figueiredo; jornalistas como os srs. Joaquim Diniz da Fonseca, Thomás Gamboa, Artur Bivar e Francisco Veloso; escritores como os drs. Queiroz Ribeiro e Alberto Diniz da Fonseca. Dois diarios as *Novidades* de Lisboa e o *Diário do Minho*, defendem dedicadamente a nossa orientação, além de semanários e bi-semanários nas mais importantes povoações do continente e ilhas.

E não cessa o lúsidio movimento crescendo sempre, cada vez mais brilhante.

E' justamente, como já em outro lugar lhe chamámos, a *Crusada Santa da Pátria* em nossos dias.

Militante como a Igreja formada em ordem de batalha. Como ela, não espera, quer actuar sempre e actua.

Acusam os seus dirigentes de *ralliement, de admissivismo e de complacências demasidadas*. Mas são acusações gratuitas.

Não somos directores de companhias concessionarias do Estado, nem temos qualquer situação de favor dos governos.

A dignidade própria como a da igreja sustentamo-las austeramente.

Ninguém fala com mais independencia nem dispensa menos o respeito dos outros respeitando-os também, do que nós.

Atribuem-nos ambições, temo-las, com efeito; mas felizmente duma natureza diversa das que por ai se chocam a cada passo; as grandes ambições de servir a Deus e a Pátria!

JARDIM FEMINIL

Ex.ª Sr.ª D. Maria Alice:

Também fui a Braga. Se nem as minhas occupaões, nem a minha condição social me permitiam assistir às sessões do Congresso Eucarístico, assisti ao que pude. Não faltai à procissão do sábado. Dou-me por feliz de o ter feito. Aquilo não se descreve; sente-se.

Ao assistir às bençãos, em que ajoelhava todo aquele mar de gente, silenciosa e respeitosa, ao ouvir corresponder, com convicção e fé aos «louvores» em honra do Santissimo Sacramento eu, como S. Pedro noutros tempos, ...gostava de lá ficar sempre.

Mas V. Ex.ª viu como eu; e com certeza, senti mais do que eu. Senti não lhe poder falar.

Apenas vi a V. Ex.ª à sombra da bandeira das mães cristãs.

Como V. Ex.ª viu, muito povo se reuniu em Braga. E não foi preciso força nem prevenções para manter a ordem. Perigou a Pátria ou as instituições?

Penso que não.

Faça-se uma reunião dos nossos adversários, assim numerosa e ver-se-ha se existe igual ordem, educação e harmonia.

Não é isto uma lição grande? Só não é para quem não quer ver.

Mostraram-me num jornal o que numa sessão do Congresso, disse uma senhora do Pôrto—sr.ª D. Maria José da Fonseca Novais, filha do conselheiro José Novais, que Deus haja. Oh! que verdades e tão bem ditas!

Que honra para quem tem em sua familia um exemplo destes! Como o sr. conselhe-

ro, lá na eternidade há-de chorar... (mas na eternidade felis não se chora), antes, cantar de alegria ao saber como este pedaço da sua alma honra o seu nome e a Jesus Sacramentado! Jesus! Mãe Imaculada de Jesus! eu creio que se neste momento a alma de José Novais necessitasse ainda de satisfazer, Vós irieis ao lugar de expiação e o levarieis em triunfo pelo céu... «Quem tem filhos não morre»...

E dizem-me que é uma senhora elegante, instruidissima e muito rica.

Mas sabe que estes favores, que recebeu do Pai do Céu, a não desobrigam de ser desassombradamente virtuosa.

Quem me dera conhecê-la, para lhe beijar a mão!

Apetecia-me isto tanto, como me apetece apupar essas pegas vaidosas, ignorantes, despenadas, ... quasi nuas que por ai se veem. Lede, senhoras da minha terra, medita a lição mestra da filha digna dum filho de Barcelos, ilustre por tantos titulos. Eis o que eu gritaria aos quatro ventos, se tivesse em condições de o fazer com fruto, sr.ª D. Alice.

Se V. Ex.ª conseguisse que aquela senhora, de vez em quando, mandasse duas linhas para esta secção, isso é que era de apreciar. Ela, boa como dizem que é, talvez descendesse. Seu bom pai também era amigo de fazer vontades...

Gostei muito de ver os Srs. Bispos. Três vezes os vi passar.

Já tinha visto, há anos, os de Lamego, Vizeu, Evora, Lisboa e Pôrto.

Como tem envelhecido depressa! A alguns não é ainda o pézo dos anos que os faz vergar, nem nevar a fronte.

E' o pezo das tribulaões, é a luta titânica, que tem sustentado em defeza da fé e para nos salvar, que os tem gasto.

E há tantos católicos tão pouco agradecidos!

Mais do que tudo lhes deve custar a nossa ingratidão. Proponha não esquecer mais de que vivem e são atormentados por amor de nós.

E de que são representantes de Jesus Cristo.

Como eles merecem que oremos por eles e procuremos obedecer-lhes em tudo, com docilidade!

Até à proxima semana.

De V. Ex.ª

at.ª ven.ª e obg.ª

Uma cachopa da aldeia.

(Continua).

A malta das salgadeiras

De novo os presos fugiram da cadeia. Não sabemos que fôsem recapturados.

Segundo nos dizem, já foram julgados outros ladrões que praticaram roubos muito mais recentes.

Porque não tem estes sido julgados?

Seria por não estar completo o processo?

Assim o cremos.

Mas alguém nos disse também que o processo está concluido há tempos.

Isto, as fugas, se não fôsse revoltante, pelo que significa e pelas consequencias que devemos esperar passava a ter graça.

Pela nossa parte, não achamos nenhuma graça. Não temos nenhuma compaixão por ladrões desta espécie, porque nos lembramos bem de muitas lágrimas que vimos chorar a vários dos roubados. Apetece-nos dizer muito mais; mas, por agora, queremos fazer a violência de nos calar.

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Soledade)
XVII

36—Hum homem da Villa de Barcellos tolhido de pés, e pernas, que não podia dar hum só passo, se offereceo com viva fé ao Senhor da Vida, e em pouco tempo se vio são, e lhe foi render as graças, levando duas pernas de cera, que para testemunho do beneficio deixou pendentes na sna Cadella. Hum rapaz, que estava quasi cego de ambos os olhos, lhe aconselharão que os fosse lavar com agua da fonte do Senhor da Vida: assim o fez, e recuperou a vista com menos trabalho, e diligencia, do bue o cego, a quem o mesmo Senhor deo vista, mandando-o lavar na fonte de Soloé, (Joam. q. vers. 7.). Muito parecida é esta fonte do Senhor da Vida com a de Siloé na Palestina; porque se esta, segundo Adricomio com outros muitos (Adricom. in Siloe n. 200), sahe na descida do monte Sion, expondo a sua corrente para a parte do rio Cedron, a fonte do Senhor da Vida está na descida do alto do Monte da Franqueira, expondo tambem a sua corrente para a parte do rio Cavado. A fonte de Siloé, conforme Cornelio A' Lapide (A' Lapid. in Joan. cap. q. vers. 7), era figura de Christo Bem nosso: na fonte do Senhor da Vida se vê a sua imagem. A fonte de Siloé, segundo o mesmo A' Lapide, coria por huns canos occultos, e pela maior parte só deitava nos dias santos dos Judeos, que erão os sabbados e nos mais dias, e ainda nesses dias santos a agua della occultamente se recolhia para regar as hortas Reaes: isso mesmo vemos na fonte do Senhor da Vida, porque vindo por canos occultos, pela maior parte só nos Domingos, e dias santos se solta ao povo, por ser nesses dias o seu maior concurso, e nos mais, e ainda a que nos taes dias cabe nas taças, occultamente se aproveita para regar as hortas do Convento. Finalmente se a fonte de Siloé, segundo Santo Ireneo (Div. Iren. tib. 4. c. 19), pela virtude, que o Senhor lhe poz, naquelles dias curava de todas as enfermidades, e por isso concorria a ella nesses mesmos dias muito povs, isto he o que hoje estamos vendo nesta fonte do Senhor da Vida.

40—He procurada a agua desta fonte do Senhor da Vida de muitas partes para enfermos, que nella tem fé. As Religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde por muitas, e repetidas vezes a tem mandado buscar para as suas enfermas, que com ella alcançarão saude. Della tem ido agua para a Cidade do Porto para o mesmo effeito, e della foi tambem para a Villa de Aveiro para huns casados, marido, e mulher, que ambos se achavão gravemente enfermos, os quaes depois que a bebêrão experimentarão inteiramente saude, pelo que derão ao Senhor infinitas graças. Finalmente se quando o Grande Baptista mandou por seus discipulos perguntar a Christo se elle era o Messias (Luc. 7. 22), que havia de vir ao mundo, lhes deo o mesmo Senhor por resposta, que dissessem a João o que tinham visto, e era que os cegos vião, os aleijados dos pés andavão, os leprosos erão limpos, os surdos ouvião, os mortos resuscitaaão, e os pobres evangelizavão, todos estes proeigios temos visto obrar o mesmo Senhor pela sua sacrosanta Imagem com o titulo soberano de *Senhor da Fonte da Vida*. Delles não individuuamos mais, que os assima referidos, porque por muitos, e continuos não tiverão os nossos Religio-

sos curiosidade de os escrever, nem seria possivel, porque, como diz o Evangelista Aguiar no fim de sua Evangelica Historia (Joann. 21. vers. 25), se daquelle Senhor se houvesse de escrever tudo quanto prodigiosamente obra, não caberão os livros no mundo todo.

(Continua)

Assoc. Commercial de Lisboa

Por intermédio da digna e illustre direcção da Associação Commercial de Barcelos, é-nos pedida a publicação da seguinte carta dirigida ao pais.

Ex.^{mo} Snr. Director

A Direcção da Associação Commercial de Lisboa toma a liberdade de enviar a V. Ex.^a a moção votada por aclamação na ultima Assembleia Geral cujas conclusões foram hoje lidas a Sua Ex.^a o Snr. Presidente da República, na audiência que se dignou conceder-lhe.

A Direcção da A. C. L. solicita de V. Ex.^a a sua publicação na integra, bem como a desta carta, tendo em vista com esse pedido responder à campanha que se lhe procura mover com intuitos bem manifestos e assaz conhecidos.

Deseja acentuar que não é seu propósito dar explicações a quem nas duas casas do Parlamento a tem atacado e ameaçado, porque lhas não deve e porque as ameaças deixam-na absolutamente serena, não a desviando da conduta que traçou em face da derrocada das finanças e da economia nacional, cuja responsabilidade cabe, mais do que a ninguém, àqueles que hoje a atacam e a ameaçam por ter enveredado pelo caminho, estritamente legal e patriótico, de acordar a consciência do pais do letargo em que certos politicos o lançaram.

Dirigindo-se apenas aos que, dum extremo ao outro do pais, lhe estão enviando o seu apoio incondicional, a Direcção da Associação Commercial declara:

1.º—Que é absolutamente falso que na sua última Assembleia Geral se tivessem atacado as instituições republicanas e o seu alto representante, que pairaram sempre muito acima da discussão ali travada.

2.º—Que nessa assembleia, a mais notável que nos últimos tempos se tem realisado em corporações económicas e cujo nivel moral poderá servir de modelo ao Parlamento, onde a muro e com insultos se procura muitas vezes fazer vingar ideias, se discutiram, como da ordem da noite constava, vários problemas respeitantes á economia do pais, no uso dum direito que a Constituição confere e no mais legitimo propósito de como cidadãos portugueses, que amam a sua terra e como contribuintes, que pagam ao Estado as suas contribuições, reagir dentro do campo da legalidade contra a inércia, esbanjamentos e outros desaforos de certos politicos que se julgam senhores do pais de que pretendem dispôr como feudo seu e que não hesitam em sacrificar ás mais desenfreadas das ambições.

3.º—Que a Associação Commercial concorda absolutamente em que a politica, tal como muitos politicos a tem entendido e praticado, é para os politicos, não devendo Suas Ex.^{as} recuar que nesse campo se lhes faça concorrência. O que quer é que a governação da pátria seja entregue em mãos de pessoas honestas e competentes, que tenham já dado provas do seu saber e da sua acção, e que não se continue a guindar às culminâncias do poder pela vontade exclusiva de politicos, pessoas absolutamente desconhecidas dentro do campo da actividade nacional e que só entre esses mesmos politicos tem valôr como eleicoeiros ou revolucionários.

Que qualquer que seja a ati-

tude que os poderes públicos entendam dever assumir para com a Direcção da A. C., as pessoas que a compõem não desistirão de provocar o movimento encetado com a adesão incondicional de todos os patriotas sem diferença de ideais politicos e de que espera o ressurgimento do pais.

Para o conseguir, basta-lhe o apoio que os seus consócios lhe prestam, a tranquillidade das suas consciências e a certeza de haver encetado a obra de salvação nacional que o pais reclama e que os politicos terão, mais tarde ou mais cedo, de aceitar porque lha imporá uma raça que não quer morrer miseravelmente ás suas mãos.

Agradecendo, Snr. Director, anticipadamente a publicação desta carta, endereçamos-lhe os protestos da nossa mais elevada consideração,

De V. Ex.^a

A Direcção da Assoc. Com. de Lisboa.

Ecos e Noticias

Donativo

Em sufrágio da alma de seu saudoso tio o snr. António Machado Carmona, contemplou seu sobrinho, o snr. Manoel Carmona Gonçalves, residente em Braga, com 50\$000 reis assequintez casas de caridade: Reclhimento do Menino-Deus, Asilio de Inválidos, Sopa dos Pobres e Pão de Sto. António. Bem haja.

Nos préstitos fúnebres

Fazemos côro com o nosso colega local «o Barcelense», sôbre o modo pouco respeitoso como alguns cavalheiros assistem aos officios de sepultura e tomam parte nos préstitos fúnebres. De há algum tempo já que era nossa intenção tocar este assunto.

Quem vai tomar parte nestes actos vai para dar uma prova de estima e respeito aos parentes do finado, para tomar parte na sua dor, para orar pelo falecido, em união com os sufrágios da Igreja e para edificar pelo seu porte e respeitosa atenção, incorporando-se nesse préstito com uma tocha, conformes as prescrições eclesiasticas. E as orações (o responso de sepultura) são feitas dentro da igreja, donde devem desaparecer as conversas, provas de pouco respeito.

Para que assim seja, nem seria preciso apelar para a religião; bastaria apelar para os deveres de educação.

Os católicos sôbretudo (mas não são católicos todos os barcelenses, todos o que tomam parte nos enterros religiosos?) é que devem, neste ponto como aliás em todos os demais, edificar e dar o bom exemplo.

Linha do Vale do Cávado

Está constituida a Empresa que tomou a seu cargo a construção do caminho de Ferro da Póvoa de Varzim a Guimarães, por Espozende, Barcelos e Braga.

Espera-se que no próximo mês de novembro, comecem os trabalhos de terraplana gem e assentamento de via. Conta a Empresa inaugurar em 1925 a linha entre Póvoa e Barcelos e em 1926 entre Barcelos e Guimarães.

Da Empresa faz parte um importante grupo financeiro francês, que já outros caminhos de Ferro tem construido em Espanha, França, China e Rússia.

Santa Izabel

É no próximo domingo que os edificios do Hospital e Asilio de Inválidos estão em exposição e que toca na cêrca, de tarde, a banda dos Bombeiros.

Cães vadios

Por determinação do digno sub-delegado de saude, snr. dr. Francisco Rodrigues Torres, tem sido lançado o bolo de stricnina aos cães que infestam as ruas, sem o indispensável açaimo. É que os casos de ataque de raiva, ou hidrofobia, não tem rareado, com grande perigo para as nossas vidas. É por isso muito acertada esta medida.

Companhia de Opereta

É nos próximos dias 9, 10 e 11 que o Companhia de Opereta de que são directores os snrs. João Alves da Silva e João da Siva Júnior, lá muito conhecida e apreciada nesta vila, vem representar «Os sinos de Corneilles», «O moleiro de Alcalá» e «Geisha».

Nossa Senhora do Carmo

Começam na próxima sexta-feira, 11 do corrente ás 7 e meia horas officiais, no Templo da Ordem Terceira, as novenas em honra de Nossa Senhora do Carmo.

No domingo e na mesma ocasião da novena, haverá uma hora de adoração ao S.S. Sacramento, em cumprimento de um voto.

Novo Juiz

Já tomou posse do cargo de Juiz de Direito desta comarca o snr. dr. Frederico da Fonseca, falando o digno Delegado e alguns adevogados e agradecendo o meretissimo Juiz, dando a todos muitas provas de consideração e respeito.

Mais uma vez cumprimentos s. ex.^a

Desastre e morte

Na ultima segunda feira de madrugada, quando passava de Braga guiando um camion" repleto de gente, o chauffeur o sr. Gonçalo Pinheiro, empregado nas officinas do sr. D. José Domenech, teve de parar o vehiculo em frente ás propriedades do sr. dr. Augusto Matos Lopes d'Almeida, em Encourados, por motivo de o referido camion, ter ido de encontro a uma pedra que se encontrava junto da volta da estrada.

E, descendo do auto, o snr. Pinheiro colocou-se entre ele e um muro no momento em que o vehiculo, calcula-se que por estar mal travado, resvalara contra o mesmo muro, entalando o chauffeur que morreu quasi repentinamente. Assim nos contaram.

A noticia causou aqui dolorosa impressão, sendo o funeral da victima, que se realisou na ultima terça-feira, muito concorrido.

Afogado

No ultimo domingo, perto ao penedo do enxofre, quando se banhava, morreu afogado, victimado por uma congestão, o sr. António da Silva Miranda de Vila Frescainha, de 15 anos de idade.

Carteira

Esteve em Braga, durante as festas eucaristicas, incorporando-se na associação dos medicos cristãos ao lado do snr. dr. Pulido gracia, de Lisboa, o nosso distinto amigo, dr. José G. de Matos Graça.

—Também ali foram, dentre muitas outras pessoas, os snrs. dr. Joaquim Pais, dr. Miguel Fonseca, Sebastião Brito, João de Sousa, Arnaldo Salazar e uma grande parte do clero do arcepresbiterado.

—Do sanatório Sousa Martins tem chegado boas noticias de pronunciadas melhoras na menina D. Elvira Matos, estremeçada filha do nosso respeitável amigo, dr. Augusto Matos Lopes de Almeida.

O concelho de relance

Macieira, 7.

Não somos o correspondente habitual desta freguesia. Que ele nos desculpe meter a colherada desta vez e que continue, solicito como até aqui. Ouvimos que se projecta gastar numa festa uns 12 contos.

Numa festa que, depois de espremida, como a maior parte, tem muito de profano, de pagão, e pouco de cristão.

Como macieirense e católico, repugna-me e ouso lembrar que se reconsidere. Quem como nós, não tem e precisa de fazer uma residência parochial; quem tem alguns paramentos que mais parecem andrajos; quem tem desprezível o cemitério e adro como se encontram os nossos, não deve pensar em gastar assim o dinheiro inutilmente.

Tenhamos vergonha: Antes de tudo, cuidemos do que nos é indispensavel.

—Ontem, repicando festivamente os sinos e estralejando no ar os feguetes, foi levantado um grande mastro, com bandeiras, para anunciar os festejos que um grupo de rapazes promove em honra de S. Tiago, para os dias 24 e 25 do corrente mês festejos que há 4 anos se não realizam. Quer assim um grupo de rapazes novos fazer ressuscitar as velhas tradições desta freguesia.

Organizada a comissão, ficaram seus secretários os snrs. António Rosa Rovisa de Andrade, digno professor official e Luis Gonzaga Cândido Ferreira, sargento reformado, que serviu em França. Foi começado o peditório, com bons auspícios.

Estão já contrtadas duas afamadas bandas do snr. Mendes, de Vizela e a da Póvoa de Varzim, donde veem os coretos. As iluminações veem de Barcelinhos.

Para que os seus trabalhos possam ser lonvados, muito folgamos que um espirito religioso e de fé os mova.

Está uma vergonha o cruzeiro. Há anos que a cruz caiu e ainda não houve quem se compadecesse de tal situação. O adro está também uma vergonha. Os paramentos... não parecem destinados aos augustos actos do culto. Apelamos para a rapaziada, para os novos, para que tudo olhem e para que possamos com verdade afirmar que os impele um sincero desejo de procurarem em tudo a honra e glória de Deus.

Sendo para ser assim, avante e não desanimar.

—De visita a um doente da freguesia de Rates, passou aqui o snr. dr. Alves Ferreira, de Negreiros. Cumprimentámo-lo.

Campo, 8.

Partiu para o Gerez o rev. Pároco de S. Fins, onde demora até 24 do corrente.

—O sr. Damásio Bruno, da quinta de Revorido, tem melhorado da grave enfermidade que o reteve no leito.

—Baptisou-se um fihinho do sr. Luis Lima. Foram seus padrinhos Domingos Ferreira Durães e Maria Chaves Durães.

—Infelizmente, nesta freguesia e para a maior parte dos proprietarios, a vindima já está feita.

Nos batatais distingue-se a plantação com a semente inglesa, que o nosso Sindicato vendeu. São as únicas que estão soberbas.

A seleção de semente mais uma vez se demonstra; é de primeira necessidade.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côes.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

== BARCELOS ==

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

— DE —

BRITO & C.^a

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas emuitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos e não sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,